



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FABIANA SIMPLÍCIO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DA
REPRESENTAÇÃO DE UMA HEROÍNA NEGRA: UMA ANÁLISE DE “AS LENDAS
DE DANDARA”**

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

FABIANA SIMPLÍCIO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DE UMA HEROÍNA
NEGRA: UMA ANÁLISE DE “AS LENDAS DE DANDARA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Fabiana Simplicio da.

A construção da identidade nacional a partir da representação de uma heroína negra [manuscrito] : uma análise de "As lendas de Dandara" / Fabiana Simplicio da Silva. - 2024.

24 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2025. "Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Identidade brasileira. 2. Representatividade negra. 3. Jarid Arraes. I. Título

21. ed. CDD 341.41

FABIANA SIMPLÍCIO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DE UMA HEROÍNA
NEGRA: UMA ANÁLISE DE “AS LENDAS DE DANDARA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 25 / 03 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Profª. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Orientadora

Amasile Coelho L. C. Sousa

Profª. Dra. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Examinadora

Kalina Naro Guimaraens

Profª. Dra. Kalina Naro Guimaraens
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

**Campina Grande – PB
2024**

Aos meus pais e meus irmãos, por sempre estarem ao meu lado, DEDICO.

*Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que vou contar aqui
[...]*

*A história de Dandara
Nunca se deve esquecer
Ela é um belo exemplo
Para nos enriquecer
E passar a enxergar como é preciso se ver*

*Nenhuma mulher é frágil
Temos de Dandara o punho
Que mantemos bem erguido
Sendo nosso testemunho
De que a história feminina
Não é feita pra rascunho.*

— **Cordel “Dandara de Palmares” (Jarid Arraes)**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL	8
3 A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA ...	12
4 A REPRESENTAÇÃO HEROICA DA MULHER NEGRA EM “AS LENDAS DE DANDARA”: DO SEU NASCIMENTO À CONSOLIDAÇÃO DA HEROINA	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DE UMA HEROÍNA NEGRA: UMA ANÁLISE DE “AS LENDAS DE DANDARA”

THE CONSTRUCTION OF NATIONAL IDENTITY FROM A BLACK HEROINE: AN ANALYSIS OF “THE LEGENDS OF DANDARA”.

Fabiana Simplício da Silva ¹

RESUMO

A representatividade feminina e negra desempenha um papel crucial na construção da identidade nacional em sociedades historicamente marcadas pela desigualdade e exclusão. Por isso, autores têm buscado trazer personagens marcantes que representem esse grupo. Este artigo busca analisar a obra *As lendas de Dandara* (2021), de Jarid Arraes, e refletir sobre a representação da heroína negra, protagonista da narrativa, e sua importância na construção de uma identidade nacional. Para embasar a pesquisa, utilizamos alguns autores que discutem a concepção de identidade, como Hall (2000), Fiorin (2009), Assis (1959), Pesavento (2000) e Ribeiro (2014), e sobre raça e gênero, como Adichie (2019), Akotirene (2022), Brookshaw (1983), Davis (2016), Ribeiro (2016; 2018), Soares e Jorge (2020). Ao contrário da notável falta de protagonismo negro na literatura, a personagem Dandara não só simboliza a força e a coragem das mulheres negras, mas também resgata e celebra a história e a resistência do povo afrodescendente no Brasil. Sua presença na narrativa desafia estereótipos e oferece uma visão mais completa e inclusiva da história e da identidade brasileira.

Palavras-Chave: identidade nacional; representatividade feminina e negra; As lendas de Dandara; Jarid Arraes.

ABSTRACT

Female and black representation plays a crucial role in the construction of national identity in societies historically marked by inequality and exclusion. Therefore, authors have sought to bring remarkable characters that represent this group. This article seeks to analyze the work *As lendas de Dandara* (2021), by Jarid Arraes, and reflect on the representation of the black heroine, the protagonist of the narrative, and her importance in the construction of a national identity. To support the research, we used some authors who discuss the concept of identity, such as Hall (2000), Fiorin (2009), Assis (1959), Pesavento (2000) and Ribeiro (2014), and on race and gender, such as Adichie (2019), Akotirene (2022), Brookshaw (1983), Davis (2016), Ribeiro (2016; 2018), Soares and Jorge (2020). Contrary to the notable lack of black protagonism in literature, the character Dandara not only symbolizes the strength and courage of black women, but also rescues and celebrates the history and resistance of Afro-descendant people in Brazil. Her presence in the narrative challenges stereotypes and offers a more complete and inclusive vision of Brazilian history and identity.

Keywords: national identity; female and black representation; The legends of Dandara; Jarid Arraes.

¹ Graduanda no Curso de Licenciatura em Letras Português, pela Universidade Estadual da Paraíba — Campus I. E-mail: fabismplc@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo, as narrativas históricas refletiam a perspectiva de quem detinha o poder de documentá-las. Assim, esses registros frequentemente não capturam a diversidade das experiências humanas, privilegiando alguns grupos em detrimento de outros. Um exemplo marcante dessa lacuna é a ausência de visibilidade das mulheres negras na sociedade, especialmente nos registros históricos e no protagonismo das produções literárias.

Isso ocorre porque mulheres pertencentes a grupos étnico-raciais considerados minoritários não somente sofrem a opressão decorrente de sua identidade de gênero, mas também a marginalização gerada pelas estruturas de racismo presentes na sociedade. Assim, a convergência dessas formas de opressão desencadeou uma invisibilidade ainda mais acentuada desse grupo, o que resultou na sua falta de representatividade na sociedade.

Consequentemente, essa representação unidimensional gera impactos negativos para os indivíduos e para a nação, pois perpetua a exclusão, os estereótipos e o apagamento de vozes que são essenciais para a construção de uma identidade individual e nacional. Conforme aponta Adichie (2019, p. 27), “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum”.

Então, a narrativa única propagada por grupos privilegiados leva à desvalorização das contribuições, da riqueza cultural e das experiências daqueles que não são ouvidos, privando-os de seus direitos de humanidade e dignidade. Além disso, não integra esses indivíduos como parte essencial da identidade nacional.

Diante da marcante ausência de representação e reconhecimento das mulheres negras, Jarid Arraes escreveu a obra intitulada “As lendas de Dandara”, que narra a trajetória da personagem feminina negra enquanto líder da libertação da população dos Quilombos dos Palmares. Sobre a protagonista da narrativa, a autora aponta:

Pensei — e ainda penso — que, se Dandara não está devidamente registrada na historiografia brasileira, o machismo e o racismo tão impregnados na nossa cultura certamente tiveram papéis importantes nesse enredo. Decidi então encarar a ideia das lendas como uma provocação e uma oportunidade. Pensei comigo mesma: se Dandara é uma lenda, alguém precisa escrever suas lendas. E foi assim que tive a ideia de escrever um livro de ficção, inspirado numa parte da história do Brasil e naquilo que se sabe sobre a líder quilombola (Arraes, 2021, p. 14).

Nesse sentido, o propósito da narrativa consiste em dar vida a uma heroína negra, tendo como base aspectos históricos e lendários. A autora se empenhou em resgatar a narrativa dessa figura emblemática, almejando conferir voz àquelas mulheres que foram subjugadas à escravidão, mas que exerceram um papel fundamental e proeminente na emancipação dos escravizados.

Dessa forma, o presente trabalho, de cunho bibliográfico, busca analisar e compreender o papel da heroína negra Dandara na construção da identidade nacional brasileira, investigando suas representações em *As Lendas de Dandara*. O foco está na influência de sua história na formação da identidade coletiva e no imaginário social, destacando a importância das narrativas protagonizadas por pessoas negras na valorização da diversidade étnica e na reconfiguração de narrativas históricas dominantes.

Para embasar a pesquisa, utilizamos alguns autores que discutem sobre a concepção de identidade, como Hall (2000), Fiorin (2009), Assis (1959), Pesavento (2000) e Ribeiro (2014), e sobre raça e gênero, como Akotirene (2022), Davis (2016), Soares e Jorge (2020), Brookshaw (1983), Adichie (2019) e Ribeiro (2016; 2018).

Para tanto, organizamos o estudo em três tópicos principais. Primeiramente, discutimos o conceito de identidade nacional, analisando sua construção social e suas implicações históricas. Em seguida, exploramos a identidade da mulher negra na sociedade e na literatura, destacando os desafios enfrentados e as representações desse grupo ao longo do tempo. Posteriormente, abordamos a figura heroica da mulher negra na obra *As lendas de Dandara*, destacando sua relevância na narrativa e sua conexão com a luta pela liberdade e pela construção de uma identidade nacional mais representativa.

2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL

O conceito de identidade é vasto e multifacetado, o qual pode ser abordado a partir de diversas perspectivas. No senso comum, a identidade é entendida como a compreensão de quem somos. Já a nacionalidade é um termo que se relaciona ao conjunto de diversos aspectos que formam uma nação. Entretanto, esses conceitos variam ao longo do tempo e da cultura vigente.

Ao falarmos de identidade e nacionalidade, podemos entender o primeiro como algo mais individualista e o segundo como algo mais coletivo. Porém, de acordo com Stuart Hall (2000), em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, é possível notar que esses conceitos estão fortemente relacionados, já que o conceito de identidade também depende das relações sociais entre os indivíduos.

Em primeira instância, segundo Hall (2000), algumas noções de identidade abrangem perspectivas mais estáticas e essencialistas, enquanto outras abrangem novos conceitos baseados no pós-colonialismo e no multiculturalismo. Para o autor,

[...] um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (p. 9).

Assim, ele aponta a existência de diferentes conceitos de sujeito, cada um associado a formas específicas de construção de identidade. Anteriormente, a concepção de sujeito predominante era de Sujeito do Iluminismo, que

[...] estava baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou “idêntico” a ele — ao longo da existência do indivíduo (p. 10).

Esse conceito sugere que o ser humano já nasce com uma identidade preestabelecida, na qual predomina a *concepção individualista do eu*. Esse ponto de vista enfatiza a autonomia, a singularidade e a independência do indivíduo, ou seja, o “eu” é considerado como distinto dos demais e moldado por suas próprias escolhas, valores, crenças e características pessoais. Nessa visão, a identidade não é uma construção social, pois o indivíduo já nasce com os atributos que apresenta.

Posteriormente, com o surgimento das mudanças sociais decorrentes da modernidade, a noção de sujeito mudou, pois

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediava para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava (p. 11).

Dessa forma, a identidade do sujeito passa a ser entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores. Então, essa concepção destaca que o “eu” sofre influência significativa do ambiente social na identidade individual. O que o indivíduo pensa, sente e a sua visão de mundo são elementos moldados pelos contextos sociais nos quais ele vive. Essa visão é conhecida como a *concepção interativa do eu*, que, apesar de ainda resguardar a individualidade parcialmente, reforça que o indivíduo é fruto do meio e da interação com o exterior.

Já na pós-modernidade, o conceito de identidade passa por mudanças significativas devido a uma série de fatores, incluindo avanços tecnológicos, mudanças socioculturais e políticas, globalização e a crescente conscientização sobre questões de gênero, etnia, raça e sexualidade. Para Hall (2000),

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso (p. 11).

Assim, o conceito de sujeito pós-moderno se torna mais fragmentado e composto por várias camadas, aspectos e identidades múltiplas. Essas identidades múltiplas são resultado da complexidade das experiências individuais em um mundo globalizado e diversificado, que abarca diferentes grupos étnicos, culturais, sociais, identidades de gênero, orientações sexuais ou posicionamentos políticos.

O colapso das identidades tradicionais ligadas às normas culturais rígidas ou estruturas sociais fixas indica que os padrões de identidade, que antes eram considerados estáveis e normativos, estão se tornando mais fluidos e flexíveis. Essa transição de uma definição unificada para um conceito mais fragmentado e plural não implica necessariamente um declínio da identidade, mas sim na possibilidade de uma compreensão mais inclusiva e aberta da complexidade humana.

De forma semelhante, tal como a identidade individual se atrela a diversos aspectos, a identidade nacional também reúne características culturais, históricas, sociais e políticas, que unem as pessoas de uma nação ou país, proporcionando um senso de pertencimento e identificação coletiva. Para Fiorin (2009, p. 116), “A nacionalidade é, portanto, uma identidade”. Essa afirmação implica na questão de que a nacionalidade não se restringe a uma questão geográfica, mas sim um aspecto fundamental que define e caracteriza um povo.

Ainda segundo o autor, “A identidade nacional é construída, dialogicamente, a partir de uma autodescrição da cultura” (p. 115). Desse modo, é possível entender que esse conceito não é estático ou predefinido, mas sim um processo em constante construção e diálogo entre diferentes elementos culturais e sociais. O autor também aponta que, para se construir uma identidade nacional, é preciso criar uma ideia de unidade e de diferença:

O Brasil representou uma das primeiras experiências bem-sucedidas de criar uma nação fora da Europa. A nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade, e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade. O grande outro (sem trocadilhos lacanianos, mas visto bakhtinianamente) da criação da nacionalidade brasileira é Portugal (Fiorin, 2009, p. 117).

Essa busca por uma unidade e por criar uma identidade única, distinta daquela deixada por Portugal, ganhou espaço na literatura. Em seu ensaio “Instinto de Nacionalidade”, Machado de Assis aponta que os autores de sua época já buscavam construir uma identidade nacional em suas obras: “Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade”. Entretanto, o escritor também defendia uma postura em que a literatura abrangesse tanto temas nacionais quanto questões universais, além de deixar de lado uma imagem idealizada que não condiz com a realidade brasileira:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (Assis, 1959, p.432-433).

Com isso, é possível inferir que, em seu ensaio, Machado de Assis aponta as influências estrangeiras na cultura brasileira e argumenta que a literatura brasileira precisa encontrar sua própria voz, enraizada na realidade e na experiência brasileira. Ele mostra a forte relação entre a literatura e a identidade nacional, bem como o papel dos escritores na formação dessa identidade condizente com a realidade brasileira.

Na visão de Fiorin, uma identidade nacional que represente a realidade do país a nação:

[...] condensa-se numa alma nacional, que deve ser elaborada. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (Thiesse, 1999, p. 14 *apud* Fiorin 2009, p. 116-117).

O linguista destaca a ideia de que uma nação não é algo inato ou natural, mas sim construído e imaginado por meio de elementos simbólicos e materiais que dão forma à identidade nacional. A formação de uma nação requer a criação consciente e deliberada de uma “alma nacional”, um conjunto de características que representem e unem as pessoas dentro de uma comunidade. O autor também aponta a necessidade da criação de “uma série de heróis”.

Nesse sentido, como meio de representar a identidade nacional, há muito tempo, os escritores brasileiros buscam construir personagens que sejam a representação de um herói nacional. De acordo com Fiorin (2009, p. 118), “No trabalho de constituição da nacionalidade, a literatura teve um papel fundamental. Os autores românticos, com especial destaque para Alencar, estiveram na linha de frente da construção da identidade nacional”.

Durante o período literário denominado Romantismo, escritores procuraram construir uma identidade nacional a partir da figura do herói, como aponta Ribeiro (2014):

O Brasil conquistou sua independência política em 1822, mas é válido lembrar que nesse período o país ainda não tem definida sua identidade. Dessa forma, o Romantismo será a estética que terá o fator decisivo para balizar as questões ligadas à identidade (p. 65).

Na literatura, um herói nacional é um personagem que encarna os valores, as características e as aspirações de uma nação. Para isso, ele precisa estar inserido em um contexto que valorize o povo ao qual representa, além de possuir um caráter exemplar — ou seja, características admiráveis que o tornem uma figura inspiradora e, conseqüentemente, uma boa representação para a sociedade a que pertence.

Um exemplo disso é a obra de José de Alencar, que conta com o personagem Peri, em sua obra “O Guarani”. Peri, um indígena, é escolhido para representar o Brasil por meio de sua conexão com a natureza, pela sua coragem, valentia e lealdade, além de carregar em si uma simbologia indígena importante. Segundo Fiorin (2009):

Começa-se, no Romantismo, a construir a noção de que cultura brasileira se assenta na mistura. O romance *O guarani*, de José de Alencar, concebe um mito de origem da nação brasílica. Peri e Cecília constituem seu casal inicial, formado por um índio que aceitara os valores cristãos (1995, p. 268-279) e por uma portuguesa que acolhera os valores da natureza do Novo Mundo (1995, p. 279-280). Essa nação teria, portanto, um caráter cultural luso-tupi. O mito de origem de nosso país opera com a união da natureza com a cultura, ou seja, dos valores americanos com os europeus (p. 119).

Com isso, o indígena se tornou um símbolo de heroísmo, pois, segundo Ribeiro (2014, p. 66), “No Brasil, o índio é eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, visão extremamente influenciada pela atitude romântica de valorizar o passado histórico e que tem no cavaleiro medieval o símbolo máximo de heroísmo”. Esses personagens muitas vezes são retratados como líderes, guerreiros ou pessoas dotadas de sabedoria ancestral, características que os elevam a um status de heroísmo na narrativa. Contudo, é importante ressaltar que a representação do indígena na literatura do século XIX baseava-se em um ideal construído a partir de uma visão eurocêntrica e etnocêntrica.

Desse modo, durante a história da literatura, encontramos muitos registros de tentativas de representar a figura do herói. Porém, os grupos menos privilegiados foram representados de maneiras estereotipadas. No caso das pessoas negras a situação foi mais complexa, pois a própria sociedade não as considerava como parte desse processo de formação do povo brasileiro:

Primeiramente, é preciso notar que a mistura não é indiscriminada. Há sistemas que não são aceitos na mistura. Por exemplo, no período de construção da nacionalidade, não há a ideia da miscigenação das três raças que hoje se diz terem constituído a nação brasileira, mas somente a dos índios e brancos. Os negros estavam excluídos. Essa mistura não era desejável, pois, afinal, tratava-se de escravos (Fiorin, 2009, p. 121).

Durante a história e a formação da literatura, a população negra foi negligenciada e silenciada em decorrência da escravização desses povos, especialmente quando se trata da mulher negra. Conforme apontam Soares e Jorge (2020, p. 28), as mulheres negras compõem “um grupo que sofreu barreiras construídas para o seu silenciamento”. Essas barreiras são estruturas de opressão que combinam racismo, sexismo e outras formas de discriminação, resultando na marginalização e invisibilização dessas mulheres. Esse fato não representa apenas o contexto literário, mas reflete os preconceitos e a desigualdade de gênero em nossa sociedade.

Conforme as autoras, essa desigualdade se torna ainda mais proeminente quando se trata do reconhecimento das mulheres negras como heroínas. Historicamente, elas foram marginalizadas ou ignoradas em narrativas que destacam figuras heroicas, o que as exclui do processo de geração de uma identidade nacional.

Para compreender esse fenômeno, é necessário recorrer à história e à literatura, pois essas duas áreas, apesar de utilizarem métodos e abordagens diferentes, são convergentes quando se trata da formação da identidade e funcionam como expressões do mundo social (Pesavento, 2000, p. 9). Por isso, é fundamental entender historicamente a construção da identidade da mulher negra na sociedade e suas representações na literatura.

3 A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA

Para tratar de uma identidade nacional na literatura, é preciso refletir sobre as representações de diferentes povos, raças e etnias que compõem o Brasil, pois, como foi defendido por Hall (2000), a identidade na contemporaneidade deve abarcar a diversidade dos sujeitos. Porém, a construção dessa identidade nacional também passa por estereótipos definidos pelas relações de poder predominantes na sociedade, bem como a composição da história e da literatura, pois seus registros também dependem do ponto de vista de quem interpreta os fatos (Pesavento, 2000).

Nesse sentido, refletindo sobre as relações histórico-sociais, Davis (2016) descreve que, durante o período de escravidão, as mulheres negras enfrentaram uma série de desafios. Elas eram submetidas a uma opressão dupla, considerando as explorações de gênero e de raça. Essas mulheres eram frequentemente forçadas a trabalhar nos campos, nas casas dos senhores ou em atividades domésticas e sujeitas a longas jornadas de trabalho. Além do mais, eram vítimas frequentes de abusos físicos, sexuais e emocionais por parte dos senhores de escravos e de outros indivíduos brancos que detinham poder sobre elas:

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (Davis, 2016, p.17).

A maternidade também era uma área de grande sofrimento para as mulheres negras escravizadas. Muitas vezes, elas eram separadas de seus filhos ainda bebês, o que privava as mães do direito de cuidar de suas crianças:

A exaltação ideológica da maternidade — tão popular no século XIX — não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” — animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (Davis, 2016, p. 19).

Por ser um grupo que historicamente sofreu com barreiras e foram postas em lugar de silenciamento, é importante trazer à tona narrativas que mostram o protagonismo e a influência dessas mulheres. Elas viveram e vivem opressões, discriminações e falta de reconhecimento de suas contribuições. Além disso, também foram excluídas de narrativas históricas e foram subestimadas em seu impacto e influência nos diversos aspectos da sociedade.

Abordando sobre a representação das pessoas negras na literatura brasileira, Brookshaw, em seu livro “Raça e cor da literatura brasileira”, mostra que a presença do negro na literatura brasileira é marcada pela representação de preconceitos e estereótipos, assim como na história da sociedade. Segundo o autor, “um estereótipo pode ser inicialmente definido como sendo tanto a causa como o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação a outro devido à categoria a que ele ou ela pertence” (Brookshaw, 1983, p. 9). Assim, era comum que os grupos étnicos fossem retratados de acordo com a visão do outro e generalizados por padrões prejudiciais.

Historicamente, o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão — em 13 de maio de 1888 — após décadas de pressões internas e externas. Com a proibição do tráfico de escravos, consolidada pela Lei Eusébio de Queirós em 1850, intensificou-se o debate sobre

a escravidão, refletindo-se na literatura da época, pois “a abolição do tráfico de escravos forçou os escritores brasileiros a voltarem sua atenção para os escravos, em particular ao tratamento que recebiam, dado que o prolongamento da escravidão dependia consideravelmente da maneira como os negros eram tratados” (Brookshaw, 1983, p. 28).

Na literatura brasileira do século XIX, segundo o autor, duas imagens principais dos afrodescendentes se destacaram: o “escravo demônio”, retratado como fugitivo e desobediente, e o “escravo fiel”, descrito como pacífico e submisso ao senhor. Essas representações emergiram durante o período da abolição da escravatura no Brasil, tornando a escravidão um tema recorrente na política e na literatura. Além de perpetuar estereótipos, esses discursos reforçaram a tensão entre as culturas afro-brasileira e euro-brasileira, que passaram a se confrontar na formação da identidade nacional.

Além disso, há a representação do “escravo nobre” que tem seu marco na obra “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães, em que a heroína do romance, Isaura, é uma escrava branca. Sua descrição de beleza e o fato de ter derrotado seu amo cruel seria subversiva a moral da época, se ela fosse representada como negra. Para Brookshaw (1983, p. 30), “a figura do escravo branco oferece prova substancial de que os autores interessados no problema da escravidão foram, contudo, vítimas de todos os preconceitos e intolerâncias que rodeavam a questão da raça e da cor”.

Sobre esse fato, Evaristo (2005, p. 53) aponta:

Significativo, sob o aspecto de negação uma personagem central que pudesse ser negra, é o romance abolicionista *A Escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães. A trama ficcional não traz uma heroína negra. Na narrativa, a senhora elogia a tez clara da escrava e mais, parece felicitar a moça por ter tão pouco “sangue africano”, dizendo-lhe: “És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (*A escrava Isaura*, Guimarães, 1976, p. 29, 31). Conclui-se então, que mesmo sendo a heroína uma escrava, a personagem foi concebida se distanciando o mais possível dos caracteres de uma mulher de ascendência negro-africana.

A passagem destacada por Conceição Evaristo aponta para a representação problemática da negritude na narrativa “A Escrava Isaura”. Ao omitir uma protagonista negra e exaltar a pele clara da escrava como um elogio, o trecho perpetua o racismo e promove uma visão deturpada da escravidão. Ao elogiar a “cor linda” da protagonista e sugerir que ela tem “pouco sangue africano”, o texto propaga a ideia de que a beleza está intrinsecamente ligada à proximidade com a branquitude. Essa descrição reforça a hierarquia social e a desumanização das pessoas negras. Além disso, revela a falta de protagonismo das mulheres negras em narrativas que circulam na sociedade.

Em relação à representação da mulher negra enquanto protagonista de uma narrativa, Soares e Jorge (2020) alegam que:

Nos cânones literários, enquanto mulheres brancas são romantizadas e surgem como heroínas, as mulheres negras são representadas por meio de imagens que remetem ao seu passado escravo, como a objetificação sexual e a subserviência. No que diz respeito à escrita, o silenciamento das mulheres negras foi uma herança do sistema patriarcal excludente que perdurou por muitos e muitos anos (p. 29).

Sendo assim, representações que não compactuam com a realidade da população negra eram constantes nas obras ficcionais, pois a literatura brasileira muitas vezes retratou o negro de maneira deturpada. Essas representações se configuram como um reflexo do legado da escravidão e da hierarquia social a que são submetidos, o que moldou a percepção e a

representação dos negros na cultura brasileira. Desse modo, Conceição Evaristo aponta alguns padrões que são encontrados na literatura brasileira em relação à mulher negra:

Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre *focinhando*, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas as personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aluísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, *Gabriela, Cravo e Canela*, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais (Evaristo, 2005, p. 53).

Apesar de termos avanços relacionados à representação da mulher negra na literatura, alguns padrões ainda são encontrados na contemporaneidade. De acordo com a escritora,

a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (Evaristo, 2005, p. 52).

Nesse sentido, Chimamanda Adichie (2019) alerta sobre o perigo de uma narrativa única, ou seja, aquela que é contada por critérios fixos e por estereótipos, os quais não permitem que o lugar do outro seja apresentado. Em consonância a isso, Ribeiro (2016, p. 102) aponta que “O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não a coloca como sujeitos políticos”, pois oculta a opressão por elas sofridas. Por isso, rejeitar uma “história única” é reconhecer que a história, as experiências e as realidades são diversas e multifacetadas. Isso implica em abrir espaço para diferentes pontos de vista, vozes e discursos que representem a multiplicidade de experiências, identidades e interpretações de um mesmo tema.

Para que isso seja possível, o feminismo negro trouxe mais visibilidade para essa classe, pois se fez necessário pensar em gênero e raça de maneira interseccional. Para Djamilia Ribeiro (2016, p. 102), “A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática que não negue identidades em detrimentos de outras”. A autora também aponta que no início do movimento feminista, enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, as mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas (Ribeiro, 2018, p.52).

Nesse contexto, surge o conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, professora e defensora dos direitos civis norte-americanos. Ao perceber que os movimentos sociais pela busca de igualdade excluía determinados grupos sociais, ela viu a necessidade de pensar em uma teoria que abarcasse os diferentes níveis de desigualdade (Akotirene, 2022).

Dessa forma, Crenshaw define a interseccionalidade como a interação entre dois ou mais fatores sociais que definem uma pessoa, que se sobrepõem e acentuam os níveis de desigualdade. Essa teoria carrega uma grande importância, pois dá visibilidade para alguns grupos sociais que tinham suas causas invisibilizadas. Um exemplo dessa invisibilidade é citado por Akotirene (2022), quando afirma que, durante muito tempo, a luta antirracista tinha como figura principal o homem negro, e o feminismo tinha como protagonista a mulher branca, inviabilizando as lutas e particularidades da mulher negra.

Com isso, surgiu o feminismo negro, como forma de especificar as singularidades das vivências da mulher negra, destacar o seu lugar na sociedade e mostrar os níveis de desigualdade que essa mulher enfrenta. De acordo com Akotirene (2022),

[...] a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado — produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (p. 19).

Para dar voz a essas mulheres, ao longo do tempo, houve um movimento na literatura brasileira para romper com esses estereótipos e apresentar representações mais diversas, complexas e humanizadas dos personagens negros. Autores têm se empenhado em criar narrativas que retratam a pluralidade de experiências, as lutas, as conquistas e a riqueza cultural dos afro-brasileiros.

Esse movimento tem como protagonistas as mulheres negras que buscam incluir no corpus da literatura brasileira imagens de *autorrepresentação* (Evaristo, 2005), visando corrigir as lacunas provenientes de narrativas colonialistas e permitindo que elas sejam autoras de suas próprias narrativas, lutas e identidades por meio da escrita. Como exemplos, temos Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Djamilia Ribeiro, Jarid Arraes, entre outras.

Portanto, obras escritas por mulheres negras proporcionam que a nossa literatura tenha protagonistas que as representem de forma mais justa e sem as distorções criadas por pessoas que desconsideram as suas vivências. Ao dar visibilidade para a escrita dessas autoras, contribuímos para a desconstrução de preconceitos e para a construção de uma identidade nacional mais verossímil e inclusiva, como na obra “As lendas de Dandara”, de autoria e protagonismo da mulher negra.

4 A REPRESENTAÇÃO HEROICA DA MULHER NEGRA EM “AS LENDAS DE DANDARA”: DO SEU NASCIMENTO À CONSOLIDAÇÃO DA HEROINA

Jarid Arraes, autora de “As lendas de Dandara”, relata que a ideia de escrever sobre a personagem surgiu do seu apagamento histórico, já que raramente ela é mencionada nas aulas sobre o Quilombo de Palmares. Em seu artigo intitulado “E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi?”, a autora que seu objetivo é “denunciar e questionar o machismo e o racismo brasileiros, que fazem com que heroínas como Dandara fiquem quase completamente esquecidas na história” (Arraes, 2021, p. 13).

A representação da protagonista é controversa, pois não há registros documentais de que ela realmente existiu. As informações disponíveis são frequentemente baseadas em tradições orais e interpretações culturais ao longo do tempo. Entretanto, a ausência de documentação histórica definitiva sobre ela não invalida sua importância como um exemplo de resistência e força, tendo em vista que sua figura simboliza a luta contra a opressão e a busca pela liberdade. Por ser considerada apenas uma lenda, Jarid Arraes decidiu tratá-la como tal e sentiu a necessidade de escrever as histórias de Dandara para perpetuar a sua memória.

“As lendas de Dandara”, publicado originalmente em 2016, nos leva a conhecer a jornada de Dandara dos Palmares, uma importante representante da luta quilombola, conhecida a princípio como companheira de Zumbi de Palmares. A obra tem a autoria da escritora feminista Jarid Arraes, natural de Juazeiro do Norte (CE), que também documentou a história da protagonista em seus cordéis.

O livro é composto de 120 páginas, divididas em dez capítulos, em que são apresentados acontecimentos marcantes desde o nascimento da guerreira, bem como os propósitos que levaram a sua criação, até os desafios que a consolidaram como uma heroína. Para isso, Arraes

mescla elementos de ficção, fantasia e história, além de condensar um vasto acervo cultural de origem afro-brasileira. A obra é enriquecida com ilustrações de Ariane Freitas, que complementam visualmente a narrativa e reforçam a conexão com as tradições e simbolismos afro-brasileiros presentes no texto.

Assim, a narrativa traz uma nova perspectiva sobre eventos passados do nosso país, com muita aventura, interferências sobrenaturais e um pouco de romance. A protagonista cativa os leitores com sua força e determinação, além de trazer inspiração para refletir sobre questões atemporais de justiça, identidade e resistência.

Primeiramente, Dandara é uma personagem introduzida por meio da imersão de uma das culturas originárias do Brasil: a africana. No primeiro capítulo, conhecemos a história do seu nascimento. Trazer para a narrativa o lugar de origem da personagem confirma o que foi afirmado por Hall (2000), ao afirmar que o sujeito pós-moderno não é formado apenas por uma identidade que começa e termina em si, mas sim que passa por diversas nuances sociais que o compõem.

No início da narrativa, o continente africano é descrito como um espaço silencioso e assolado de tristeza e luto, como é possível observar no trecho: “A brisa quieta daquela tarde era expressão máxima da tristeza pesada que África sentia, exaurida pelo sentimento de perda que a dominava” (Arraes, 2021, p. 19). Como a história se passa na época da escravização dos africanos no Brasil, é compreensível que esse sentimento negativo seja refletido ao representar esse lugar.

Por causa disso, os orixás revelavam preocupação com os seus e questionavam como levar a África ao equilíbrio que antes lhe pertencia. Nesse contexto, surge a figura de Iansã, orixá dos ventos e dos rios, responsável por controlar também as tempestades. Essa divindade relembra as situações que presenciou na África, ao assistir “milhares de filhos embarcarem forçadamente, como mercadorias, em navios que vinham de lugares longínquos” (Arraes, 2021, p. 19). Essa passagem faz referência aos navios negreiros, que eram embarcações utilizadas, entre os séculos XV e XIX, para o comércio transatlântico de escravos. Esses navios transportavam pessoas escravizadas da África para as Américas, onde eram vendidas como força de trabalho para aumentar o poder dos impérios, através de suas colônias.

A escolha da autora em destacar Iansã, um orixá feminino, no centro da narrativa carrega um forte simbolismo. Isso porque a representação de mulheres como deusas vai além da mitologia e da religião, pois desafia a visão restrita do papel da mulher ao longo da história. Ao fazer isso, a autora a posiciona como uma figura essencial no processo de libertação da escravidão e rompe com os limites impostos pela sociedade.

Segundo Akotirene (2022, p. 31), “mulheres negras foram marinheiras das primeiras viagens transatlânticas, trafegando identidades políticas reclamantes da diversidade, sem distinção entre naufrágio e sufrágio pela liberdade dos negros escravizados e contra opressões globais”. Ou seja, elas exerceram um papel importante de luta e resistência em momentos históricos, como nas viagens transatlânticas, que foram marcadas pelo tráfico de escravos e a exploração de povos africanos, além das contribuições significativas para os movimentos de emancipação e direitos civis ao longo da história.

Sendo assim, Iansã não simboliza meramente uma figura mitológica, mas também um símbolo de poder do feminino. A representação de Iansã desafia as normas sociais, pois representa um modelo de liderança, poder e autonomia feminina, além de trazer uma contribuição fundamental para o equilíbrio e a libertação da África.

Por ver os africanos como seus filhos, era muito difícil para a divindade acompanhar os sofrimentos do seu povo, como é relatado no trecho:

Iansã fechava os olhos quando corpos eram jogados ao mar, sem saber definir o que mais lhe doía: o destino dos que sobreviviam nos porões dos barcos, viajando em

situação degradante, ou os que padeciam no meio do caminho e eram descartados sem rituais e sem respeito (Arraes, 2021, p. 19).

Ao analisar a situação de escravidão juntamente a outros orixás, Iansã percebeu que quem sempre estava à frente disso eram homens. Por isso, chega à conclusão que criaria uma mulher, para que libertasse o seu povo, como aponta na fala “Criarei uma guerreira, filha do meu ser, que libertará seus irmãos e suas irmãs” (p. 22). Convencida de sua ideia, ela tinha como objetivo criar uma guerreira que fosse tão forte quanto ela e que fosse movida pela ausência de medo.

Assim, a partir do seu poder relacionado às tempestades, Iansã traz à vida Dandara, uma menina feita a sua imagem e semelhança. Com isso, a África sentia um novo tempo, como é expresso no trecho: “Em África, tempestades bramiam por todas as partes, anunciando o início de uma nova era e a abertura de novos caminhos” (Arraes, 2021, p. 23). O continente sentia-se vivo novamente.

Após seu nascimento, Dandara é levada por Iansã em seus braços, através do oceano, para as Américas, onde ela cumpriria a sua missão. No caminho, a divindade observa uma mulher negra, escravizada, fugindo de homens ameaçadores. Ela corre em direção a uma espécie de esconderijo, no qual estavam reunidos muitos africanos. A menina foi deixada próxima àquele lugar, para que, no futuro, libertasse seus irmãos e suas irmãs, e foi encontrada por uma mulher chamada Bayô.

Ao crescer nos quilombos, a heroína passou a se interessar pela capoeira e pelas batalhas, mesmo que aquelas tarefas não fossem designadas para mulheres. Ela pouco se interessava por afazeres domésticos, mas desejava lutar como os homens, o que preocupava sua mãe, “pois não suportaria vê-la escravizada, vendida a algum homem branco para viver em uma senzala, amontoada com outros irmãos e irmãs, como se todos fossem bichos doentes” (Arraes, 2021, p. 23). Mas Dandara sempre nutria seu sonho de ir à luta em busca da libertação.

Certo dia, Bayô foi ao campo em busca de ervas medicinais, mas Dandara optou por não a acompanhar, já que não se interessava por atividades relacionadas ao preparo de alimentos. No entanto, naquele mesmo dia, sua mãe adotiva foi surpreendida por um ataque de um capitão do mato, enfrentando um grave risco de vida. Esse incidente marcou profundamente a protagonista, que, a partir de então, decidiu passar a acompanhar Bayô em suas atividades domésticas, reconhecendo a importância dessas tarefas para a comunidade:

Dandara tinha aprendido que cada um tinha um papel e que cada papel tinha importância na manutenção e na defesa de Palmares. Sem alguém para cozinhar alimentos fortes, os guerreiros não poderiam lutar; sem alguém para buscar as ervas na beira do rio, uma quantidade muito maior de pessoas acabaria morrendo... Além disso, havia entendido que essas tarefas não eram fáceis ou livres de perigo — o risco de morte que Bayô corria e a cautela de todo o quilombo para voltar ao local do ataque eram provas de que os papéis designados às mulheres não eram bobos. Embora Dandara preferisse empunhar suas espadas, essa compreensão já fazia morada em sua mente (Arraes, 2021, p. 39).

Logo, é possível notar a mudança de perspectiva de Dandara sobre o papel das mulheres nos quilombos. Ela reconheceu o valor do trabalho que cada indivíduo desempenha em sua comunidade e os riscos que as mulheres enfrentam ao terem que ir em busca de alimentos para sustentá-las. Apesar de sua preferência pelas batalhas, ela percebeu que as atividades realizadas pelas outras mulheres eram essenciais para a manutenção dos quilombos.

Esse episódio também mostrou a construção da personagem como uma heroína e a influência mitológica em sua jornada. A menina, que só tinha nove anos, a partir de um sonho que revelou a cura para os ferimentos de Bayô, enfrentou sozinha o perigo das matas e subiu a serra à procura de uma erva para tratar a sua mãe. Além disso, ela consegue tirar a bala que

estava cravada no corpo da mulher e curá-la com as ervas que encontrou, o que causou espanto para as pessoas ao redor: “Todos falavam ao mesmo tempo e diziam que aquilo não era natural, só podia ser obra de algum ser mágico” (Arraes, 2021, p. 37).

A partir disso, Dandara enfrentou obstáculos ao ir contra as expectativas de gênero e ao se impor para participar das batalhas como os homens, desafiando não apenas os inimigos externos, mas também as normas internas do quilombo que limitavam o papel das mulheres à esfera doméstica. Por isso, ela precisava ser acima da média e possuir habilidades de pessoas mais velhas, como é possível observar no seguinte excerto:

Dandara praticava o manejo das espadas diariamente. Às vezes, acabava derrubando-as no chão e prontamente as apanhava, olhando para os lados, com medo de que alguém tivesse percebido. Porém, gostava de pensar que tinha apenas nove anos e, com essa idade, nem mesmo os garotos, treinados desde cedo, tinham tanto talento para a luta (Arraes, 2021, p. 41).

Em diferentes episódios, ela demonstrou sua força e suas habilidades, surpreendendo as pessoas ao seu redor e orgulhando a si mesma. A menina conseguiu despistar os capitães do mato, que eram homens que capturavam escravos fugitivos e os torturavam, e até conseguiu roubar o cavalo de um desses homens. Para sua idade, as habilidades dela eram consideradas fora do comum. Mesmo assim, ela ainda não tinha seu espaço garantido nas batalhas:

Dandara vivia na constante expectativa de provar sua coragem e valor para as batalhas. Tinha a sensação de que os guerreiros a aceitavam por perto somente porque era criança e não podia se arriscar nas lutas pesadas. Mas não parava de questionar se, quando crescesse e tivesse idade suficiente, iria poder se juntar a eles (Arraes, 2021, p. 40).

Bayô, mãe de Dandara, sabia que a menina tinha uma natureza sobrenatural, pois quando a encontrou, um caminho apareceu em meio ao incêndio para que elas pudessem passar, além da forma mágica que foi curada através de suas mãos. Mas a mulher ainda temia que ela enfrentasse as guerras e percesse lá, então ela queria mais uma confirmação de que essa era a missão da menina.

Então, Iansã, orixá que a criou, aparece para elas, como uma forma de confirmar o propósito de vida de Dandara, dizendo: “— Eu sou Iansã, deusa das tempestades. Dandara, você é minha criação. Eu te criei do meu ser e te enviei para esta terra, para que traga liberdade aos meus filhos escravizados”, e confirmou o papel importante que Dandara exerceria: “Você será a maior guerreira de que já se teve notícia. Libertará muitas pessoas. Seu nome será uma lenda para as gerações futuras” (Arraes, 2021, p. 53).

Com isso, Bayô sentiu segurança para apoiar a menina em sua missão e entendia que ela nasceu para ser a heroína dos Palmares e libertar o seu povo das mãos dos homens brancos: “Já não tinha mais dúvida de que Dandara ficaria bem; entendia que mesmo sua humilde existência fazia parte de um plano maior. Agora, sim, podia confiar na liberdade vindoura” (Arraes, 2021, p. 53).

Após anos, depois de provar sua valentia em diferentes situações difíceis, Dandara passou a ser respeitada pela sua comunidade, pois as crianças já cresciam ouvindo, com empolgação as aventuras da jovem guerreira, ao mesmo tempo em que os mais velhos a elogiavam e se orgulhavam de seus feitos. Por isso, ela não se sentia mais insegura, mas sim confiante de si mesma, como aponta o trecho: “De repente, Dandara já não se sentia como aquela garotinha que criava situações embaraçosas e vivia se aventurando pela mata. Agora, ela exibia um semblante sério” (Arraes, 2021, p. 55).

Apesar de várias demonstrações de sua força e de suas habilidades nas batalhas, ela se via presa em um papel que não condizia com seu potencial: o de uma guerreira relegada ao

segundo plano, enquanto Zumbi liderava o quilombo e todas as suas expedições. Outro fato que incomodava a guerreira é que o quilombo não avançava, mas só se defendia. Para ela,

[...] o quilombo era atacado, construía sua defesa e resistia; não era invadido nem destruído, mas não conseguia avançar. Viviam cercados, sem que conseguissem executar planos de libertação efetiva. Algumas dezenas de pessoas fugiam das senzalas e outras poucas eram resgatas pelos guerreiros, mas Dandara queria mais (Arraes, 2021, p. 56).

Dandara sabia que era capaz de guiar e liderar o seu povo, mas Zumbi, com sua inflexibilidade, não enxergava além de suas próprias convicções. Ela se posicionava de forma firme em relação aos seus planos para o quilombo, não tinha suas ordens ouvidas por Zumbi, como é demonstrado no trecho: “A insistência de Dandara causava visível desconforto em Zumbi” (p. 57). Nesse momento, é revelado na história o envolvimento emocional dos dois, pois ele justifica que “Podem achar que eu dou espaço, porque tenho sentimentos por você” (p. 57). Mas, diante dessa situação, Dandara sentia-se injustiçada, uma vez que todos sabiam de sua habilidade excepcional nos campos de batalha.

Nesse contexto, é perceptível que as questões de gênero continuam configurando um obstáculo significativo para as mulheres que aspiram a assumir cargos de liderança como Dandara. Uma das principais barreiras é a persistente desigualdade de oportunidades, em que as normas sociais arraigadas e estereótipos de gênero tendem a relegar às mulheres papéis secundários, dificultando sua ascensão a posições de liderança. Essas expectativas internalizadas também podem minar a confiança das mulheres em suas próprias habilidades de liderança, levando a restrições e autossabotagem.

Todavia, Dandara age com assertividade e decide invadir sozinha um navio negreiro para libertar os negros capturados e apreendidos naquele local. A protagonista deixa explícito que o seu objetivo não é tomar o lugar de Zumbi, mas sim assumir o comando de tropas separadas:

Enquanto se aproximava vagarosamente do local onde o navio lançaria suas âncoras, Dandara revisava seu plano e as diversas variações de sua execução. Já se imaginava vitoriosa, criando assim a inspiração que todos os palmarinos necessitavam para se arriscar, junto com ela, em planos reais mais complexos de libertação. Indignava-se quando pensava que em momento algum havia insinuado a derrubada de Zumbi; tão somente queria assumir o comando em batalhas e localidades separadas, teriam muito mais sucesso em suas lutas e objetivos (Arraes, 2021, p.60).

Naquele navio, a personagem visualiza as condições de vida desumanas para os africanos escravizados durante a travessia do Atlântico, nos quais os africanos eram amontoados nos porões, muitas vezes em situação de superlotação extrema e submetidos a cenários insalubres, como é descrito na passagem:

O fedor era insuportável e ardia nas narinas; olhando ao redor, Dandara percebeu que todo o chão do porão estava abarrotado de excrementos amassados e de sangue. Algumas pessoas gemiam, doentes, com seus corpos cobertos de feridas inchadas e cheias de pus. Outras estavam de pé, assustadas (Arraes, 2021, p. 60).

Dandara, então, com sua capacidade concedida por Iansã, consegue libertar os prisioneiros e lutar contra os guardiões dentro do navio. Após isso, Kambo, um dos sobreviventes do navio negreiro e que presenciou os feitos de Dandara, conta para as pessoas dos Quilombos de Palmares sobre a coragem e a forma que a guerreira salvou o seu povo.

Ela se mostrava uma guerreira confiante, pois sabia que suas ideias eram boas e importantes. Além do mais, ela não duvidava de suas habilidades e, por mais que os outros não

acreditassem nela, não deixava de acreditar em sua missão, pois “Tudo o que fazia era cumprimento em benefício de todo o quilombo; seu objetivo era libertar suas irmãs e seus irmãos escravizados” (Arraes, 2021, p. 71).

Diante do destaque de Dandara, o líder Zumbi reconheceu que ela merecia um lugar de liderança, pois “todos sabiam que o seu lugar era na liderança de Palmares, seus atos falavam por si” (Arraes, 2021, p. 71). Além disso, ele percebeu que temer que julgassem a posição de Dandara nas batalhas por causa do envolvimento que tinham era um equívoco, pois a guerreira conquistou aquele espaço com sua dedicação. Diante disso, Zumbi anunciou que Dandara assumiria o comando e teria autonomia para criar estratégias e liderar outros guerreiros.

Consequentemente, ela convocou uma reunião com os seus guerreiros e anunciou que invadiriam as terras de Arnosó (senhor de escravos). No entanto, os homens ficaram com receio de exercer tal missão, visto que alguns nunca tinham invadido fazenda alguma, enquanto outros tinham medo de serem capturados e torturados. Apesar dos temores dos seus aliados, a heroína exerceu seu papel de líder e encorajou os guerreiros a invadirem a casa-grande, além de se colocar à frente para enfrentar os perigos da batalha.

Durante essa missão, percebemos que a liderança de Dandara não traz liberdade e justiça só para ela mesma, mas também para outras mulheres, pois ela luta para contra a violência que as mulheres escravizadas sofriam. Como aponta David (2016), as mulheres eram vítimas de abuso por parte dos senhores de engenho, que além das agressões e trabalhos forçados como os homens, também eram vítimas de violência sexual. Esse fato também é constatado na narrativa:

Dandara não queria se arriscar sem excelentes motivos: escolhera a fazenda de Arnosó para executar uma vingança há muito desejada. O velho viúvo tinha asquerosa predileção pelas mulheres mais jovens, que mandava buscar na senzala nas madrugadas. Algumas delas, as que conseguiam fugir, chegavam a Palmares completamente aterrorizadas, contando histórias horríveis das crueldades praticadas por Arnosó (Arraes, 2021, p. 78).

A missão de invadir a casa-grande e libertá-las foi bem sucedida, pois conseguiram capturar Arnosó e libertar as pessoas escravizadas que estavam presas naquela fazenda. Contudo, eram perceptíveis o medo e o desgaste psicológico que aquelas pessoas se encontravam. Por essa razão, Dandara “fazia questão de acolher mulheres como aquelas que fugiam da fazenda de Arnosó. [...] Eram um ciclo de violência muito difícil de romper. Precisava vingar todas essas mulheres” (p. 84)

Após conseguir libertar os escravizados, sua mãe, Bayô, sentiu forte orgulho de sua filha. Ela nunca acreditaria que aquele bebê encontrado na mata poderia ter se tornado a maior líder dos Quilombos de Palmares, ter libertado o seu povo e ainda ter o propósito de libertar aquelas que ainda padeciam (p. 111).

Entretanto, pouco tempo depois, os exércitos dos homens brancos se reuniram para atacar Palmares. Eles queriam capturar os seus moradores e os punir por terem invadido suas terras, o que acabou resultando na morte de um palmarino. Isso gerou revolta em Dandara por ver um de seus irmãos sendo assassinado logo quando havia conseguido a sua liberdade.

Por isso, ela decidiu liderar mais um ataque, dessa vez a fazenda de um senhor chamado Mendonça, e libertar os últimos escravizados que ainda permaneciam nas senzalas de sua região. Mas, como o exército de palmarinos tinha que guiar os recém-libertos para os quilombos ao mesmo tempo em que tinham que lutar contra seus inimigos, os guerreiros ficaram em desvantagem, pois estavam muito cansados.

Mesmo em condições precárias, o exército de Palmares, liderado por Dandara, conseguiu libertar todos os escravos da região ao redor de seus quilombos. Entretanto, como forma de vingança, uma tropa comandada por senhores de escravos invadiu Palmares, com artilharia poderosa e milhares de homens.

A invasão teve como resultado a morte de vários palmarinos. Em meio a tantos corpos caídos ao seu redor, Dandara se via sozinha, correndo para salvar a sua vida, até chegar ao alto de uma pedreira. Lá, mesmo sem forças, Dandara disse que não se renderia para ser escrava. Ouvindo sua súplica, Iansã, sua mãe, a recolheu para si em meio a uma tempestade.

Mesmo tendo perecido no final, a personagem teve a oportunidade de mostrar suas habilidades e libertar o seu povo. Apesar de a narrativa se tratar de uma ficção e não ter comprovação de que realmente existiu, a lenda representa outras mulheres que lutaram e colaboraram no processo de libertação dos escravizados, como cita Davis (2016, p. 35):

Nenhuma discussão sobre o papel das mulheres na resistência à escravidão estaria completa sem um tributo a Harriet Tubman por seu extraordinário ato de coragem ao conduzir mais de trezentas pessoas pelas rotas da chamada Underground Railroad. No início, ela teve uma vida típica de mulher escrava. Trabalhando na lavoura em Maryland, percebeu, por meio de seu trabalho, que seu potencial como mulher era o mesmo de qualquer homem. Aprendeu com o pai a cortar árvores e abrir trilhas e, enquanto trabalhavam lado a lado, ele lhe transmitiu conhecimentos que mais tarde se mostraram indispensáveis nas dezenove viagens de ida e volta que ela realizaria ao Sul. Ele a ensinou a caminhar silenciosamente pela mata e a localizar plantas, ervas e raízes que serviriam de alimento e remédio. Sem dúvida, o fato de ela nunca ter fracassado pode ser atribuído aos ensinamentos de seu pai. Durante a Guerra Civil, Harriet Tubman manteve sua oposição incansável à escravidão, e ainda hoje detém o mérito de ter sido a única mulher nos Estados Unidos a liderar tropas em uma batalha.

Tanto Dandara quanto Harriet Tubman são figuras extraordinárias na história da resistência à escravidão, cada uma desempenhando um papel crucial em contextos diferentes. Enquanto Dandara é um símbolo na luta pela libertação dos escravizados nos Quilombos de Palmares no Brasil, Harriet Tubman se notabilizou por sua coragem ao liderar fugitivos através da Underground Railroad nos Estados Unidos.

Dandara foi uma mulher que se tornou um símbolo de resistência e liderança nos quilombos brasileiros. Ela desempenhou um papel fundamental ao lado de seu companheiro, Zumbi dos Palmares, na defesa e organização dessas comunidades de escravizados fugitivos, lutando contra as investidas das forças coloniais.

Por sua vez, Harriet Tubman foi uma líder na luta contra a escravidão nos Estados Unidos. Ela arriscou sua própria liberdade ao guiar centenas de escravizados em perigosas jornadas pela Underground Railroad, um sistema de rotas clandestinas que conduzia à liberdade. Sua determinação, habilidades de sobrevivência e coragem foram fundamentais para o sucesso de suas missões, e ela continuou sua luta mesmo após a Guerra Civil, defendendo ativamente a abolição da escravidão.

Sendo assim, trazer uma figura histórica como Dandara para a literatura é uma forma de reivindicar um lugar que foi apagado durante muito tempo. O protagonismo de mulheres, especialmente de mulheres negras, é constantemente deixado de lado, fazendo com que muitas histórias de resistência não cheguem à população. Isso resulta em um protagonismo essencialmente masculino e branco.

Outro aspecto importante para ser registrado, embora não seja foco deste artigo, mas que pode ser um viés para outro estudo, é a questão da atualização da lenda enquanto gênero narrativo literário. A obra já no título anuncia-se como uma lenda — “As lendas de Dandara” — no entanto, não está presa apenas ao viés ficcional, mas é uma mistura de conhecimentos históricos, culturais e imaginários, bem como alia narrativa, suspense e aventura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela construção de uma identidade nacional foi amplamente repercutida durante anos na literatura brasileira. Com o objetivo de restringir essa manifestação artística às características próprias de nossa nação e divulgar uma identidade própria brasileira, autores utilizaram a figura do herói para representar o povo e as qualidades do Brasil.

No entanto, entendendo que o conceito de identidade é amplo e abarca diversos povos, etnias e raças, e considerando que o Brasil é um país multicultural, algumas identidades foram historicamente e literariamente silenciadas, como no caso das mulheres negras. Esse grupo que, durante muito tempo, não possuía espaço para utilizar sua voz e tampouco ser representado por outrem, ao longo do tempo, foi conquistando sua autonomia e seu local de fala. Desse modo, mulheres negras passaram a contar suas histórias e serem reconhecidas como sujeitos legítimos para a construção da nação brasileira.

Como exemplo dessa representatividade, temos a obra “As lendas de Dandara”, de Jarid Arraes, que traz uma protagonista negra, que luta pela libertação de seu povo, historicamente conhecido pela comunidade dos Quilombos de Palmares. A personagem, guiada pela missão de sua mãe e orixá Iansã, subverte os padrões de gênero e deseja lutar pelos seus.

Além de enfrentar as expectativas de gênero ao se destacar nas batalhas, Dandara também desafiou as estruturas de poder dentro do próprio Quilombo dos Palmares. Sua insistência em assumir um papel de liderança ativa, em vez de se conformar com funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, revela uma crítica implícita às hierarquias de gênero que persistiam mesmo em espaços de resistência.

Dessa maneira, ao se posicionar como líder e guerreira, Dandara lutou contra a escravidão e abriu caminho para repensar o papel das mulheres nos movimentos de resistência, demonstrando que a verdadeira libertação exige a superação de todas as formas de opressão, como o racismo e o patriarcado.

Ao longo da narrativa, Dandara se configura como uma representação do feminismo negro, que não busca apenas a liberdade individual, mas de todas as mulheres e da comunidade em que habitava. Sua valentia e determinação a consolidam como uma heroína da literatura brasileira, pois, além de derrotar os opressores e libertar seu povo, ela representa a identidade e a cultura de um povo tão significativo do Brasil.

Trata-se, portanto, de uma obra contemporânea comprometida com a discussão sobre a invisibilidade dos “heróis” negros da história brasileira por meio de uma narrativa que mistura ficção, fantasia e história, atualizando o conceito de lenda.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2022. 150 p.
- ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. 3. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2021. 128 p.
- ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In: _____. **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959. p. 28-34. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago./2005. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos/revistas/revista01.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Literatura, história e identidade nacional. **Revista VIDYA**, vol. 19, n. 33, p. 9-27. jan./jun./2000 Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/531>. Acesso em: 04 nov. 2023.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Rondinele Aparecido. O PROJETO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: projeto alencariano. **Ribanceira: Revista do Curso de Letras da UEPA**, Belém, v. 3, n. 2, p. 64-74, jul. - dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/399>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- SOARES, Cecília Moreira; JORGE, Grácia Lorena da Silva. Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 27-46, set./dez./2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/53133/31570>. Acesso em: 30 out. 2023.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo, por me guiar em seus propósitos e por me conceder o privilégio de concluir essa etapa.

Aos meus pais, Ivanildo e Severina, pelo amor incondicional, por terem me direcionado por bons caminhos e por serem minhas maiores referências.

Aos meus irmãos, Paty, Kelly e Ivan, em quem me inspiro, pelo companheirismo e por serem exemplos de dedicação e inteligência.

À minha amiga Brígida Mirela, presente que a UEPB me deu, por ter estado comigo nos momentos alegres e árduos da graduação.

À minha orientadora Ana Lúcia, pelas aulas inspiradoras de literatura, e por todo apoio, paciência e dedicação desde o início do meu percurso acadêmico até a orientação deste trabalho.

A todos os meus professores da graduação, por todos os ensinamentos, e aos meus colegas de turma, pelos momentos compartilhados.

Ao curso de Letras, por todas as experiências que me proporcionou dentro e fora da universidade, que contribuíram não apenas para minha formação acadêmica, mas também para o meu crescimento enquanto ser humano.